



CENTRO UNIVERSITÁRIO REDENTOR - UNIREDENTOR
CURSO: PSICOLOGIA

MARIA EDUARDA DE CASTRO RODRIGUES

**A RELAÇÃO DA MULHER COM SEU CORPO: UMA PESQUISA
SOBRE AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO CORPO FEMININO NA
ATUALIDADE.**

Itaperuna
2021

MARIA EDUARDA DE CASTRO RODRIGUES

**A RELAÇÃO DA MULHER COM SEU CORPO: UMA PESQUISA
SOBRE AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO CORPO FEMININO NA
ATUALIDADE.**

Monografia apresentada à
UniRedentor como parte dos
requisitos para a obtenção do
título de bacharel em Psicologia.

Orientador (a): Viviane Oliveira Lopes de Souza

Itaperuna

2021

FOLHA DE APROVAÇÃO

Acadêmico/a: MARIA EDUARDA DE CASTRO RODRIGUES

Título: A RELAÇÃO DA MULHER COM SEU CORPO: UMA PESQUISA SOBRE AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO CORPO FEMININO NA ATUALIDADE.

Natureza: Trabalho de Conclusão de Curso – TCC

Objetivo: Título de Bacharel em Psicologia

Instituição: UniRedentor

Área de concentração: Psicologia

Aprovada em: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof Esp. Me. ou Dr.

Orientador/a

UniRedentor

Prof. (colocar titulação – Esp. Me. Ou Dr.)

UniRedentor

Prof. (colocar titulação – Esp. Me. Ou Dr.)

UniRedentor

DEDICATÓRIA

Com eterna gratidão, dedico esta pesquisa aos meus pais, Nélbia e João Batista,
que me deram colo e secaram minhas lágrimas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à Deus, que me amparou em todos os momentos de minha existência, em especial nesses últimos períodos de graduação. Graças a Ele tudo foi e é possível.

À minha família por todo carinho e apoio. Em especial, agradeço à minha mãe Nélbia e ao meu pai João Batista, pelo amor e confiança que sempre me dedicaram.

Aos meus professores por todo conhecimento compartilhado ao longo desses anos.

Em especial, sou extremamente grata às duas psicólogas brilhantes, que me orientaram na construção desse trabalho Viviane Oliveira e Denise Mello. Obrigada pelo apoio, dedicação e orientação, que me permitiram florescer e fazer um excelente trabalho.

Aos meus amigos que me acompanharam nesse caminho da graduação. Especialmente, às minhas amigas queridas Ewellyn Brum e Maria Izabel Ramos, que me proporcionaram momentos incríveis, me apoiando nessa jornada.

E, por fim, agradeço a todos aqueles que estiveram comigo ao longo desses anos de curso e, de alguma forma, me ajudaram.

Honrar a nós mesmas, amar nossos corpos, é uma fase avançada na construção de uma autoestima saudável.

(Bell Hooks)

RESUMO

Tendo em vista a necessidade de compreender como as representações sociais do corpo feminino têm sido compartilhadas entre as mulheres na atualidade, bem como, os possíveis resultados dessa interação, pesquisou-se sobre os estudos elaborados acerca das representações sociais do corpo feminino a fim de entender a relação da mulher com seu corpo na atualidade. Para tanto, foi necessário realizar a conceituação do corpo feminino, analisar o conceito de representação social e apresentar algumas das representações sociais do corpo feminino na atualidade. Desse modo, realizou-se então uma revisão bibliográfica dos levantamentos de campo com essa temática. Através do material coletado nessa pesquisa, verificou-se uma série de pensamentos e discursos sobre o corpo da mulher, evidenciando-se um culto ao corpo, dotado de beleza, magreza e essencial nas relações interpessoais. As representações sociais mostraram-se um terreno fértil para a elaboração de conhecimentos sobre o que se apresenta na realidade, assim como, tal estudo mostrou-se importante na indicação de caminhos de ação, no que se refere ao cuidado da saúde mental da mulher nesse âmbito.

PALAVRAS-CHAVES: Representação social. Mulher. Corpo.

ABSTRACT

In view of the need to understand how the social representations of the female body have been shared among women today, as well as the possible outcomes of this interaction, It was carried out a research on the studies of the social representations of the female body in order to understand the relationship of women with their bodies today. Therefore, it was necessary to conceptualize the female body, analyze the concept of social representation and present some of the social representations of the female body in the presente days. Thus, a bibliographic review of surveys of the area on this theme was carried out. Through the material collected in this research, it was verified a series of thoughts and discourses about the woman's body, showing a cult of the body, endowed with beauty, thinness and essential in interpersonal relationships. The social representations proved to be a fertile ground for the development of knowledge about what is presented in reality, as well as this study proved to be important in indicating courses of action, with regard to mental health care for women in that context.

KEYWORDS: Social representation. Women. Body.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. CAPÍTULO 1 – O CORPO COMO UM MODO DE ESTAR NO MUNDO E O FEMININO.....	3
3. CAPÍTULO 2 – A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A NOÇÃO DE CORPO FEMININO NA ATUALIDADE	8
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21
ANEXO	25

1. INTRODUÇÃO

O corpo, eixo da relação do ser com o mundo, é o meio pelo qual este experencia a realidade. Logo, pode-se dizer que ele é a base da existência do sujeito. Um alicerce muito importante, sujeito às influências externas, que formulam um conjunto de saberes, opiniões e atitudes em relação a ele. No entanto, apesar de estar inserido nessa rede de sentidos, o corpo também é produtor, isto é, o ser em sua corporeidade é capaz de produzir sentido. Logo, é possível constatar que o ser, ao longo de sua existência, constrói e assimila modos de se relacionar com o corpo.

Ao longo da história, é possível observar a existência de diversos modos de conceber o corpo, em essencial o corpo feminino. Ancorado nesse tecido social, que determina modos de viver e significar, o corpo feminino é permeado por saberes e práticas. Nesse contexto, entender como ele é representado no social é fundamental para compreender relação da mulher com seu corpo.

O corpo, sendo um constructo que norteia a identidade do sujeito, é constituído a partir de representações sociais e individuais. Portanto, o estudo da Teoria das Representações Sociais (TRS), promove uma compreensão das vivências e dos aspectos socioculturais ligados ao corpo. Isto é, supõe-se que através desse estudo é possível compreender a relação da mulher com seu corpo.

Logo, partindo do pressuposto que a representação social construída acerca do corpo feminino seja algo presente na atualidade, influenciando os modos de existência, a visão desse corpo, bem como, as práticas utilizadas para atingir esse corpo concebido no social, o presente trabalho se justifica pela necessidade de compreender como as representações sociais do corpo feminino têm sido compartilhadas entre as mulheres na atualidade, bem como, os possíveis resultados dessa interação. Pois, diante do cenário atual, onde as mulheres são bombardeadas pela mídia acerca do que seria o corpo perfeito, observa-se um crescente número de casos de adoecimentos psíquicos na tentativa de alcançá-lo.

No decorrer dos últimos anos, é possível observar consideráveis conquistas alcançada pelas mulheres. Contudo, segundo Wolf (1992), proporcionalmente as vitórias alcançadas, foram as opressões impostas à população feminina em relação às imagens de beleza. As mulheres, antes submetidas a obrigações voltadas para os cuidados domésticos, ganharam espaço em diversos lugares. No entanto, aliada

as preocupações já existentes, a necessidade de estar em padrões específicos de beleza e corpo tornam-se corriqueiras no seu dia-a-dia.

Os padrões contemporâneos de beleza e corpo são disseminados pelas mídias e fazem com que as mulheres se submetam a modos de existir que afetam sua saúde psicológica e física. Andrade e Bosi (2003) afirmam que o ideal de corpo perfeito presente atualmente e transmitido pela mídia faz com que as mulheres tenham uma insatisfação com seus corpos, aderindo a medidas e práticas extremistas na tentativa de moldar-se ao modelo cultural atual.

Diante desse contexto, o presente trabalho contempla a necessidade de investigar os estudos elaborados sobre as representações sociais do corpo feminino na atualidade, como um meio de compreender a relação da mulher com seu corpo e as práticas adotadas. Frente a essa temática, optou-se pelo estudo exploratório, qualitativo, de natureza bibliográfica e narrativa. Devido à essas características metodológicas realizou-se uma análise da literatura publicada acerca da temática escolhida com o intuito de construir e atualizar o conhecimento para a elaboração da fundamentação teórica. O trabalho contou com um levantamento bibliográfico de livros, artigos, monografias e dissertações, retiradas do Google Acadêmico, Scientific Electronic Library (SciELO) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando descritores como: representação social, corpo feminino, mulher, gênero. Além disso, recorreu-se aos teóricos principais dos assuntos em questão, como Maurice Merleau-Ponty, Simone de Beauvoir, Serge Moscovici e Denise Jodelet.

Para atender a característica metodológica e o objetivo central a pesquisa foi estruturada em dois capítulos, que abordam o embasamento teórico. No primeiro capítulo realizou-se uma conceituação do corpo, através de fundamentos fenomenológicos, destacando o corpo como um objeto de estudo plural, receptor e produtor de sentido. Ao longo desse capítulo, buscou-se situar o corpo feminino no presente cenário, no qual, a questão de gênero é um fator distintivo no que se refere às cobranças por ideias de corpo inalcançáveis. Já, no segundo capítulo foi elaborada uma explanação sobre a Teoria das Representações Sociais, buscando realizar um aprofundamento dessa teoria, trazendo desde as bases iniciais para sua criação até a sua aplicação no estudo do corpo. Ademais, nesse capítulo, objetivou-se analisar alguns estudos específicos sobre a temática abordada, a fim observar como as representações sociais do corpo feminino se apresentam na atualidade.

2. CAPÍTULO 1 – O CORPO COMO UM MODO DE ESTAR NO MUNDO E O FEMININO

O estudo do corpo e como ele é representado na atualidade são essenciais para compreender a forma como o ser humano se relaciona com ele e com o mundo. Seria reducionista compreender o corpo apenas como um atributo natural e biológico, afinal, segundo Le Breton (2006, p.33), “o corpo é também uma construção simbólica”, sendo ele o meio de relação do sujeito com o mundo, um objeto simbólico, que constrói significados através da interação com o social e a cultura.

Le Breton (2006) ainda em seus estudos sobre essa temática afirma que o corpo é o eixo da relação do sujeito com o mundo, é através dele que tal ligação é construída. “Antes de qualquer coisa, a existência é corporal” (LE BETRON, 2006, p.7). É por meio desse corpo que são formuladas as significações que compõem a existência individual e coletiva. E também, é o objeto pelo qual o sujeito faz do mundo a amplificação de sua experiência, modificando-o em algo familiar e coerente, acessível à ação e compreensão.

Dentro da perspectiva fenomenológica, Merleau-Ponty (2006) afirma que o corpo não é uma máquina operada por uma consciência interior, afinal, ele mesmo tem uma forma de consciência, uma consciência sensível e pré-reflexiva, operando na percepção, onde o pensamento objetivo irá se basear. Ademais, pode-se dizer que o corpo seria algo que realiza a abertura do ser com o mundo. Sendo o modo pelo qual o sujeito percebe a si mesmo e ao mundo. Antes de ser um objeto, o corpo é o próprio ser-no-mundo (DOS REIS, 2011). Isso significa dizer que o corpo versa sobre a forma do sujeito estar no mundo. Afinal, a localização do ser no mundo se constrói através da mediação desse corpo, que está sujeito às normas estabelecidas culturalmente. Logo, sendo essa experiência corporal influenciada pela cultura, pode-se perceber que modo de cada sujeito se relacionar com o corpo e a sua subjetividade elaboram-se num contexto social, político, histórico específico (GOMES, 2002). Pimenta (2012, p.145) em concordância com tais autores afirma que “a perspectiva corporal, embora subjetiva, decorre de uma posição de existência no mundo, sendo, portanto, ao mesmo tempo intersubjetiva”, isso confirma a estreita relação do ser e seu corpo com o mundo.

Sem reforçar dicotomias ou reducionismos, o corpo e suas ações no grupo social são tanto fruto da natureza como fruto de uma construção cultural; são portanto da ordem da natureza e da ordem da cultura. O imbricamento corpo/cultura/natureza mostra que a natureza constrói o corpo, e o corpo humano também reconstrói a natureza, sendo simultaneamente resultado e autor tanto dela quanto de si mesmo. (SIQUEIRA e FARIA, 2007, p.172).

Portanto, dentro dessa linha de pensamento, pode-se concluir que o corpo pode ser considerado aquilo que está em contato com o mundo, produzindo sentido e inserindo o sujeito num espaço social e cultural. Isto é, do mesmo modo que o ser, com sua corporeidade, produz sentido, ele é inserido numa rede de sentidos produzidos no coletivo. Logo, é possível afirmar, que ao longo de sua existência, o sujeito assimila formas variadas de relação com o corpo, determinando modos de sentir, perceber, aparecer, tocar e ver (AZEVEDO e LOPES, 2010).

A sociedade atual vive num tempo em que são produzidos diversos discursos sobre e para o corpo. Revistas, jornais e programas de televisão falam sobre como comer, vestir, exercitar-se, divertir-se, entre outras formas de ter e ser um corpo, que eles afirmam ser saudáveis. São estas práticas corporais, que constituem relações de saberes e poderes sobre o corpo, produzindo múltiplas formas de ser e estar no mundo (DAMICO e MEYER, 2006).

As globalizadas sociedades de consumo parecem atribuir aos indivíduos a responsabilidade pela plasticidade de seu corpo. Com esforço e trabalho físico, homens e mulheres são persuadidos a alcançar a aparência desejável, mesmo que para isso sejam necessários exercícios intensos, cirurgias plásticas e dietas radicais [...]. (SIQUEIRA e FARIA, 2007, p.172).

Esse aspecto social empregado ao corpo não é uma novidade, mas, cada vez mais, ele se apresenta de modo imperativo, exigindo modos de ser. E apesar da preocupação como corpo ser algo que acomete homens e mulheres, para o gênero feminino há uma maior coerção sobre os padrões de beleza a seguir. A explicação para tal conduta fundamenta-se numa construção social do feminino. Segundo Wolf (1992) desde o início das civilizações, os homens controlam e oprimem o comportamento, a aparência e a liberdade da mulher, através da condição de superioridade estabelecida pelo patriarcado.

Ao longo da história, a humanidade teve como característica a dominação masculina, enquanto que o gênero feminino sempre possuiu o status secundário.

Desde a antiguidade, afirma-se que a mulher é objeto de dependência e subordinação ao masculino. Para firmar tal argumento, alguns pesquisadores trazem explicações com base no determinismo biológico, afinal, para os deterministas haveriam características geneticamente inerente ao sexo masculino que o colocaram num status superior (SENNÁ, 2006).

Tais diferenciações são feitas desde a infância, sendo observável nos brinquedos por exemplo. Os meninos possuem brinquedos que remetem ao uso da força física, com um alto grau de participação social. Já para as meninas os brinquedos relacionam-se com representações do ambiente doméstico e familiar (WANDERLEY, 2011). Essa ilustração evidencia o papel do feminino no social e demonstra uma concepção que foi reforçada ao longo da história, na qual a noção desse gênero remetia à mulher a imagem de submissão, recato e docilidade. Cabia a ela, nesse contexto, o papel de cuidar da casa, dos filhos e do marido. Desse modo, toda a sua educação era voltada para esses aspectos (FOLLADOR, 2009).

Beauvoir (1970) trouxe em seus estudos importantes contribuições acerca da diferenciação de sexo e gênero, como um meio de refletir sobre a construção do feminino. De acordo com a autora, o sexo seria biológico, enquanto que o gênero seria algo construído socialmente pelos papéis destinados aos homens e mulheres.

Ser mulher é uma construção elaborada a partir da alteridade de ser homem, isto é, um conceito que se define na relação com o outro. Beauvoir (1970) afirma que a imagem de mulher, foi vinculada a condição de apêndice do homem, tanto nas construções científicas, como nas morais. Para a autora, “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (1967, p.9) afinal, a condição de ser mulher na sociedade não poderia ser determinada biológica, psíquica e economicamente. Tal pensamento contribuiu para a construção dos estudos feministas, que posteriormente auxiliaram na reflexão da mulher no social.

O termo gênero, amplamente dialogado nos estudos feministas, passou a ser usado para explicar como se estabelecem as relações entre homens e mulheres, desconsiderando fatores biológicos e evidenciando construções culturais. Afinal, até então havia uma categoria de determinismo biológico, que era utilizada para compreender o papel de homem e mulher na sociedade. Contudo, isso não pode ser explicado de modo restrito como o apresentado nessa explicação biológica, pois existe no social, uma construção que determina o comportamento de homem e mulher (SCOTT, 1995).

Os estudos acerca do gênero e os movimentos feministas, na luta pela igualdade entre gêneros, contribuíram para o enfraquecimento do patriarcado. No entanto, apesar das inúmeras conquistas obtidas pelo feminismo, é possível observar que a sociedade ainda se encontra num trânsito entre os modos de existências, sendo possível constatar algumas contradições. Segundo Wolf (1992) após muito tempo as mulheres ocidentais conquistaram vários direitos, no que se refere a educação superior, controle de reprodução, entrada no mercado de trabalho, entre outros. Sobretudo, as mulheres alcançaram o direito de exercer novos papéis sociais. Contudo, décadas após o renascimento do feminismo, que ocorreu nos anos 70, as mulheres ainda sentem restrições, em diversos aspectos, mas, principalmente, referente ao corpo, à aparência física e ao vestuário.

Diante disso, Wolf (1992) salienta que apesar dos obstáculos vencidos, as mulheres ainda enfrentam restrições em relação à beleza. Pois, à medida que elas alcançaram maiores oportunidades na sociedade, as imagens de beleza se tornaram mais rígidas e cruéis. Colocando na aparência uma condição de valor para as mulheres que, na tentativa de alcançá-lo, acabam comprometendo sua autoestima e adotando novos comportamentos, que impedem o seu crescimento na sociedade. A escritora hooks (2018, p.62) ratifica esse pensamento ao afirmar que “[...] todas as mulheres, independente da idade, são socializadas tanto conscientemente quanto inconscientemente para ter ansiedade em relação ao corpo, para enxergar a carne como algo problemático”. Mary Del Priori (2000), na obra de Almeida (2009), observou, em seus estudos sobre o corpo da mulher brasileira ao longo dos séculos, que o mesmo foi se reorganizando como um produto sócio-histórico e cultural e que apesar de mudanças estruturais a mulher ainda se apresenta como submissa, antes dos homens, agora dos padrões de beleza.

Tais exigências se encontram pautadas em discursos médicos, que investem sobre o corpo, noções de saúde, bem-estar, alimentação adequada e beleza. É possível observar nesse âmbito, que determinadas práticas são eleitas como objeto de atenção, como o cuidado de manter uma alimentação equilibrada para obter uma aparência saudável ou a prática de exercícios físicos para alcançar a saúde perfeita. Esses discursos de promoção de saúde, articulados com discursos publicitários, educacional, familiar e o do senso comum acabam por produzir modos de ser, pensar e relacionar com o corpo. No entanto, não é possível afirmar que tais discursos sejam a causa da forma como o corpo é concebido, porém, é neles que se

constroem as condições de possibilidades para os sujeitos se posicionarem no mundo, seja mais próximo ou mais distante dessas normas de saúde e beleza (DAMICO e MEYER, 2006).

O ideal de corpo perfeito preconizado pela sociedade e veiculado pela mídia leva as mulheres, sobretudo na adolescência, a uma insatisfação crônica com seus corpos, adotando dietas altamente restritivas e exercícios físicos extenuantes como forma de compensar as calorias ingeridas a mais, na tentativa de corresponder ao modelo cultural vigente. (COSTA e SOARES, 2016, p. 1181).

Numa sociedade, onde o culto ao corpo é algo vigente, a busca por ideais pode-se caracterizar como uma vivência sofrível. Segundo De Souza Dourado *et al.* (2018) tal sofrimento é acentuado à medida que padrões são divulgados pela mídia como acessíveis, compráveis e saudáveis. O corpo, nesse contexto, configura-se como laboratórios, a fim de atingir um completo bem-estar. Siqueira e Faria (2007, p.173) confirmam essa ideia, afirmando que na atualidade “O corpo aqui não é pensado de modo complexo, de forma holística, de maneira pluridisciplinar. Corpo é aparência física, e essa aparência tende a ser objeto de consumo que gera mais consumo.”.

Contudo, é possível afirmar que “Muito além da estética, o corpo carrega o “eu”, suas experiências, significados, ritos e tradição.” (DE SOUZA DOURADO *et al.* 2018, p.3). Portanto, o corpo nesse contexto, apesar de todo o apelo para a manutenção de seu aspecto físico, deve ser visto como uma morada do “eu”, que deve ser contemplado em toda sua complexidade e particularidade e em estreita relação com o social e cultural.

[...] o corpo é um construto social e cultural fabricado no cotidiano. Isso quer dizer que o corpo não tem em si mesmo nenhum significado intrínseco, ele é um conjunto de signos, produto de representações que, por meio de múltiplas estratégias, buscam “fixar” uma identidade sobre ele. (DOS SANTOS ANDRADE, 2003, p.140).

A vista disso, é possível compreender que o corpo para além de um organismo natural, possui bases no social, sendo construído a partir de representações individuais e sociais, que influenciam e direcionam os modos de significar e vivenciar esse corpo (GOETZ *et al.*, 2008). Portanto, torna-se imprescindível o estudo desse corpo através da Teoria das Representações Sociais.

3. CAPÍTULO 2 – A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A NOÇÃO DE CORPO FEMININO NA ATUALIDADE

O corpo, sendo um objeto que norteia a identidade do sujeito, é constituído a partir de representações sociais e individuais. Através do estudo desse elemento sob a perspectiva da Teoria das Representações Sociais obtêm-se a compreensão das vivências e os aspectos socioculturais ligados a ele. Isto é, tal estudo permite a compreensão de crenças, atitudes, valores e normas, presentes no social, que orientam os comportamentos. Logo, compreender a representação do corpo feminino existente no social e como ela se estrutura é de suma importância para elucidar uma questão muito pertinente: como as mulheres significam e vivenciam seu corpo na atualidade? Isto é, a relação da mulher com seu corpo.

A aplicação da TRS é um método eficaz na compreensão de pensamentos e registros simbólicos de determinado grupo. Criada por Serge Moscovici, essa teoria pretende trazer luz sobre as crenças, ideias e explicações que se originam na interação social, buscando sempre ressaltar a questão da individualidade (MORAES *et al.*, 2014). Essa relação de individual e social é um marco interessante nos estudos de Moscovici, em contraste com as teorias anteriores, a TRS trouxe uma perspectiva que abrangia contexto e complexidades do mundo contemporâneo.

Os teóricos anteriores a Segunda Guerra Mundial observavam os fenômenos sob duas óticas: individual ou coletiva. Como exemplo, há Durkheim, que contemplou o estudo das representações individuais, como domínio da psicologia, e das representações coletivas, como atribuição da sociologia. O motivo dessa divisão dos fenômenos em dois níveis era a convicção de que aquilo que explicava questões coletivas era divergente daquilo que elucidava fenômenos individuais. Durkheim acreditou que a sociologia e psicologia possuíam uma independência entre si. O autor, no seu estudo sobre suicídio, declarou que os fatos sociais só poderiam ser explicados através de outros fatos sociais. Devido a esse posicionamento de Durkheim, Moscovici quando iniciou seus estudos em representações sociais, teve seus estudos classificados como algo no campo da sociologia e não da psicologia (FARR, 1995).

De acordo com Durkheim (2000), a criação do conceito de representações coletivas serviu para explicar fenômenos, como religião, ciência, mitos e outros, através de conhecimentos pertencentes à sociedade. Sá (1995) afirma que esse conceito foi embasado no estudo da religião em comunidades primitivas. E segundo Moscovici (2003) Durkheim formulou o conceito de representações coletivas como a matriz latente das crenças, do conhecimento e da linguagem. Referindo-se a um tipo de pensamento externo ao sujeito, que era hegemônico e pertencia ao coletivo. Tais características evidenciariam a independência desses pensamentos sob o sujeito, de modo que eles atuariam sobre esse coletivo através da coerção.

[...] os indivíduos que compõem a sociedade seriam portadores e usuários das representações coletivas, mas estas não podiam ser legitimamente reduzidas a algo como o conjunto das representações individuais, das quais difeririam essencialmente. (SÁ, 1995, p.21).

Moscovici, ao mesmo tempo em que concordou com os pensamentos de Durkheim discordou. O autor observou que a sociologia durkheimiana apresentava o risco de esquecer que o vigor do coletivo estaria na mobilidade da ação social, consensual e reificado, no qual sujeitos os constroem e modificam-no. À vista disso, pode-se dizer que a Teoria das Representações Sociais surge diante do fracasso de sistematizar uma teoria que contemple a dialética entre indivíduo e sociedade. Tal perspectiva teórica traz novas possibilidades e busca analisar a relação estabelecida entre os dois, de modo que o sujeito volta a ser construtor do mundo e de si mesmo, por meio de seu estar no mundo. Enfatizando o ser humano como sujeito ativo e criador (GUARESCHI e JOVCHELOVITCH, 1995).

Segundo Sawaia (1995) para Moscovici o conhecimento não se qualifica como algo intra-individual, no qual o social apresenta uma participação auxiliar. Logo, ele encontra no pensamento de Durkheim, bases para superar o caráter cognitivista e evidenciar a participação do social na formulação dos conhecimentos. Farr (1995) afirma que o ser humano é, simultaneamente, agente de mudança e produto de uma sociedade. Tal pressuposto, pregado pela TRS, encontra nos estudos de Durkheim fundamentos para a crença de que o indivíduo é produto do social e também na teoria de Weber os princípios necessários para considerar o sujeito como produtor de mudanças. Na concepção de Moscovici os sujeitos de uma sociedade não são meros processadores de informações, veículo de ideologias e

crenças coletivas. Na verdade, eles são pensadores operantes, que em contato com o social formulam e expressam suas próprias representações (SÁ, 1995).

O sociólogo Serge Moscovici fundamentou sua teoria em pesquisadores, considerados os mentores das ciências sociais na França. Dentre esses autores, Durkheim e seu conceito de representação coletiva teve um papel fundamental na formação dessa nova teoria, conforme o que foi trazido ao longo dos parágrafos acima. Segundo Moscovici, a ideia de representação coletiva serviria para descrever e categorizar uma classe coletiva que tem de ser elucidada por um nível inferior da psicologia social. É por meio desse âmbito que surge a noção de representação social, uma teoria mais adequada ao contexto moderno. Pois, segundo o ponto de vista desse autor, as representações coletivas se qualificavam como um objeto de estudo mais favorável para compreender sociedades menos elaboradas, enquanto que as representações sociais poderiam ser mais eficazes no estudo de sociedades modernas, plurais, velozes e mutáveis. (FARR, 1995).

Sá (1995) confirma essa argumentação afirmando que é compreensível que, com a constatação da presença de novos fenômenos, seria necessário modificar os conceitos que até então o englobavam. Tal passagem justifica o aparecimento do conceito de representações sociais. No entendimento do autor dessa nova teoria, o conceito de representação coletiva era composto por questões que o impossibilitavam de aperceberem-se os novos fenômenos. De acordo com Moscovici (1984), no texto de Sá (1995), as representações sobre as quais ele está interessado em estudar não são aquelas dos povos primitivos, de tempos remotos e sim aquelas da sociedade atual, recém-formuladas e que não tiveram um período de sedimentação, de modo que ainda não são tradições estáveis.

Moscovici vai proceder à remodelagem do conceito durkheimiano e assim buscar preencher essa lacuna. Ele caminhou guiado pela necessidade de atualizar o conceito, trazê-lo para as condições de hoje, de sociedades contemporâneas imersas na intensa divisão do trabalho, nas quais a dimensão da especialização bem como a da informação tornaram-se componentes decisivas nas vidas das pessoas e dos grupos. Atualizar significava, ao mesmo tempo, tornar o conceito operacional para ser aplicável em sociedades com essas características, sociedades em que a velocidade da informação não lhes outorga o tempo de sedimentar-se em tradição, na quais se impõe um processamento constante da novidade, nas quais se conhece por delegação, uma vez que ninguém tem acesso a todo o saber. (ARRUDA, 2002, p.135)

Moscovici buscou na sociologia durkheimiana bases iniciais para suas críticas ao individualismo demasiado da psicologia social norte americana, mas isso não se mostrou suficiente para seus propósitos, ao passo que ele realizou modificações. Sá (1995) destacou três pontos em que tais conceitos se diferenciam. O primeiro ponto de diferença é em relação ao modo de conhecimento. O conceito durkheimiano possuía uma abrangência ampla e híbrida de modos de conhecimento, onde estaria uma parte considerável da narrativa intelectual da sociedade. Já no conceito de Moscovici as representações seriam um modo de conhecimento que tem como atribuição a formação de comportamentos e melhores maneiras de comunicação entre os seres na vida cotidiana. Outro ponto de diferença se refere à mobilidade dos conceitos, para Durkheim era algo consideravelmente estático, em razão dos fenômenos que ele pretendia explicar, enquanto que, para Moscovici, diante de uma realidade contemporânea, os conceitos eram móveis e fluidos. E por último, há a diferenciação encontrada na forma de explicar os conceitos, na sociologia durkheimiana, as representações coletivas eram concebidas como entidades explicativas absolutas, isto é, fenômenos que não poderiam ser eles próprios elucidados, algo que não era concebível nas representações sociais, que propunha à psicologia social a possibilidade de adentrar nas representações a fim de conhecer sua estrutura e mecanismos.

Serge Moscovici iniciou seus estudos com a pretensão de estudar sobre as representações sociais da Psicanálise. Seu desejo era analisar os acontecimentos gerados quando novos saberes, como a Psicanálise, se propagavam dentro de uma sociedade (FARR,1995). Através desse trabalho o autor buscava explicações para questões da vida cotidiana que demandavam um posicionamento dos pesquisadores. Em resumo, pode-se dizer que ele tinha como objetivo compreender como era produzido o conhecimento gerador de realidade.

Segundo Moscovici (2003) as representações sociais podem ser vistas como uma rede de conceitos, metáforas e imagens, associadas livremente, atuando de modo mais fluido que teorias. Sua existência ocorre à medida que são úteis e que circulam. Elas não seriam uma cópia do mundo, elas na verdade, evocam aquilo que está inexistente nesse mundo, constituindo-o. Jodelet (2001), uma contemporânea do pensamento desse autor, definiu representações sociais como um modo de conhecimento, que é elaborado e compartilhado socialmente, trazendo certo nível de praticidade e a edificação de uma realidade comum. Através dessa definição, é

possível notar alguns aspectos importantes, como o fato de que essa teoria fornece aos sujeitos do social um código de comunicação, que atua modulando o pensamento e permitindo a criação e modificação da realidade.

Camargo *et al.* (2011) salienta acerca da importância dessa teoria nas relações sociais. Afinal, ela apresenta funções, que permitem aos indivíduos adquirir conhecimentos assimiláveis, construir uma imagem positiva do grupo ao qual estão inseridos, direcionar ações e justificar decisões e comportamentos.

Em resumo, pode-se dizer que essa teoria disserta sobre os pensamentos construídos através de um agrupamento de significados, que possibilitam o contato com o desconhecido. Tendo a finalidade de formar um saber que poderá ser compartilhado com determinado grupo (GOETZ *et al.*, 2008).

Moscovici (2003) diz que representações sociais, são constituídas de conhecimento popular, isto é, senso comum. E, por meio delas, é possível perceber, inferir e compreender situações, proporcionando sentido e explicação para fenômenos. Podem ser devidamente “naturais”, ao passo que exigem pouco esforço para produzi-las, sendo difícil suprimi-las.

Ademais, pode-se afirmar que o conceito de representações sociais versa sobre a elaboração de saberes sociais, que carregam consigo afetos. O ser humano, na tentativa de compreender e produzir sentido ao mundo, age através da emoção, logo, a formação de uma significação simbólica é concomitantemente um feito de saber e de afetos (GUARESCHI e JOVCHELOVITCH, 1995).

Guareschi e Jovchelovitch (1995) ratificam a ideia das representações sociais como algo construído socialmente, afirmando que é possível encontrar a produção de representações sociais nas instituições, nos espaços públicos, nos canais de comunicação, nos movimentos sociais e demais locais onde os sujeitos se aglomeram para dialogar sobre o cotidiano, expostos às instituições, aos meios de comunicação, aos mitos e à carga histórica e cultural da sociedade. Moscovici (2003) refletindo sobre a natureza social desse conceito afirma que as RS são sociais pois são um fator psicológico. Isto é, elas são impessoais, pertencentes a todos; elas são a representação de outros indivíduos; elas também são uma representação individual, entendida afetivamente como algo que pertence ao ego.

Concebendo a TRS como um modo de estudar as diferentes formas de conhecer e comunicar, é possível estabelecer uma divisão entre dois universos: consensual e reificado. O primeiro marcado por uma apropriação dominante e o

segundo, pelo distanciamento. Cada qual corresponde a um modo de estabelecer relações entre os indivíduos e entre eles próprios. De um lado há o conhecimento popular e cotidiano e do outro há a ciência e a ideologia (MOSCIVICI, 2003). Segundo Moscovici (1984), na obra de Sá (1995), o universo consensual refere-se às atividades elaboradas no cotidiano das interações sociais, denominadas de teorias do senso comum. E os universos reificados referem-se ao ambiente onde é produzido o conhecimento científico e lógico.

[...] no universo consensual aparentemente não há fronteiras, todos podem falar de tudo, enquanto no reificado só falam os especialistas. De acordo com ele, seríamos todos “sábios amadores”, capazes de opinar sobre qualquer assunto numa mesa de bar, diferentemente do que ocorre nos meios científicos, nos quais a especialidade determina quem pode falar sobre o quê. (ARRUDA, 2002, p.130).

Na atualidade, o novo é sempre concebido através da ciência, tecnologia e dos profissionais especializados, ou seja, do universo reificado. São descobertas em âmbitos científicos, sociais, políticos, entre outros, que são agregadas ao conjunto de informações existentes. O contato com isso, que se caracteriza como novo, é o que gera a estranheza. Logo, necessita-se de um movimento de gerar familiaridade e levar tais conceitos para os universos consensuais (SÁ, 1995).

Conforme Sá (1995) se o novo não se apresentasse constantemente e de modo imprevisível, o pensamento social teria a estabilidade das representações coletivas da sociologia durkheimiana. Arruda (2002, p. 134) complementa essa afirmação ao dizer sobre as RS nesse contexto da contemporaneidade:

A representação social seria uma forma de conhecer típica dessas sociedades, cuja velocidade vertiginosa da informação obriga a um processamento constante do novo, que não abre espaço nem tempo para a cristalização de tradições, processamento que se esteia no olhar de quem vê. A representação social, portanto, não é uma cópia nem um reflexo, uma imagem fotográfica da realidade: é uma tradução, uma versão desta.

Moscovici (2003) elucida que a razão pela qual o sujeito cria representações é o desejo de tornar familiar algo desconhecido. Qualquer fenômeno que se desvie do familiar e não possua uma explicação clara, gera uma necessidade de criar um sentido, que explique aquele fenômeno. Logo, pode-se observar que a motivação para elaborar representações sociais não é para buscar uma consonância entre as

ideias e a realidade, nem para simplificar a complexidade do mundo, mas sim para tornar familiar. Outra motivação para a criação de representações sociais é a redução da margem de não-comunicação. Sendo assim, espera-se que elas tornem a comunicação de um grupo mais clara e precisa, por meio de um consenso entre os membros do grupo.

Acerca da função de promover familiaridade, Sawaia (1995) evidencia que esse processo é feito através de dois meios: a ancoragem e a objetificação. Ancoragem é a ação de integrar novas informações a uma categoria de pensamento com uma carga emocional já existente. Ao passo que, a objetificação é a modificação de um conceito abstrato em algo concreto.

Sá (1995) de acordo com essas conceituações afirma que a objetificação tem a função de duplicar um sentido por uma imagem, materializando um objeto abstrato e naturalizando-o. A ancoragem, por sua vez, tem a função de duplicar uma imagem por um sentido, elaborando um contexto compreensível ao objeto. E para ilustrar tais processos o autor cita os estudos de Moscovici sobre a representação social da Psicanálise, no qual a objetificação é ilustrada pelo fato de que um complexo psicanalítico passou a ser concebido como algo mais palpável, psicofísico. Enquanto que a ancoragem é ilustrada através da concepção da terapia psicanalítica como uma medicina sem remédios.

Dentre os diversos saberes e estudos que englobam a Teoria das Representações Sociais, o estudo do corpo possui um espaço de destaque. Segundo Jodelet (1984), através de Almeida (2009), o estudo do corpo, em razão de sua natureza, tem um espaço especial na TRS. Dado que o corpo é um objeto privado e público, concomitantemente, e através dessa teoria, com um ponto de vista psicossocial, é possível assimilar ambas as dimensões.

Adotar um olhar psicossocial sobre o corpo feminino auxilia no processo de compreender como as mulheres, nos variados grupos sociais, significam o corpo e como essas concepções e significados direcionam práticas e vivências desses sujeitos com seus corpos, em resumo, é possível compreender a relação que se estabelece com esse corpo (ALMEIDA, 2009).

Conforme Camargo *et al.* (2011), as representações sociais proporcionam uma compreensão da relação que as pessoas possuem com o próprio corpo, em meio às influências dos modelos de pensamento e comportamento, que circulam no social.

O ser humano, em todos os momentos de sua vida, apresenta modos de ver e experimentar o corpo que são elaborados e modificados conforme as ideias, valores, atitudes e crenças presentes em determinado contexto social. Num processo de construção e desconstrução, conhecimentos, opiniões e informações são introjetadas pelos sujeitos de um contexto social, que assimilam e fazem associações com saberes já existentes. Através dessa circulação de saberes é construída uma realidade sobre corpo de uma dada cultura e época, que se manifesta através de significados, pensamentos, práticas em relação a ele (ALMEIDA, 2009). Moscovici (2003, p.205) confirma esse processo de construção das representações sociais ao afirmar que “Nós mesmos vemos as representações sociais se construindo por assim dizer diante de nossos olhos, na mídia, nos lugares públicos, através desse processo de comunicação que nunca acontece sem alguma transformação.”.

Jodelet (1994), na obra de Justo (2016), afirmar que as representações sociais, via de regra, são evidenciadas através do que é dito e pelas ações direcionadas ao corpo. Contudo, apesar da atuação do corpo nas relações sociais seja perdurável, as características atribuídas a ele são dinâmicas. Siqueira e Faria (2007), ratificando essa ideia de dinamicidade, declaram que ocorrem mudanças no aspecto da aparência ideal, isto é, o corpo desejado irá mudar ao longo do tempo, se adequando aos contextos atuais, contudo o que não muda é a proposta de ter o corpo ideal.

A cada novo acontecimento, um novo padrão corporal é adquirido, pois a estrutura muda sempre que o corpo se move no espaço. Assim, a experiência vem continuamente carregada de possibilidades de transformação. Isso quer dizer que o corpo está aberto à aquisição do conhecimento enquanto houver possibilidades de experimentação. Por meio do movimento, o conhecimento é adquirido, conservando a vida. (GOMES, 2006, p.50)

Jodelet (1984), na dissertação de Almeida (2009), indo de encontro com esse pensamento, considera a possibilidade de conceber modos de pensamentos e de experimentar o corpo conforme os pensamentos e comportamentos presentes na atualidade. Ou seja, para ela as representações acerca do corpo, estariam presentes em determinado momento, mas poderiam se alterar, e, por conseguinte, alterariam modos de existência e práticas em relação a esse corpo.

Atualmente, há demandas sobre o corpo para se atingir um status definido culturalmente. Tais demandas envolvem características de beleza, jovialidade, alegria e poder de atração sexual. E nesse contexto, essas definições são compartilhadas através de processos de comunicação e direcionam práticas e comportamentos em relação ao corpo, estabelecendo padrões corporais (JUSTO, 2016). Acerca desse compartilhamento de padrões em relação ao corpo, Siqueira e Faria (2007, p.172) afirmam que “o corpo encontra na mídia um espaço onde representações a seu respeito são amplamente construídas e reproduzidas”, por meio de fotos, propagandas, textos e outros meios a mídia divulga discursos sobre o corpo e sobre como ele é concebido e desejado.

[...] a mídia influencia o modo como o sujeito contemporâneo se percebe e se relaciona com o mundo, ou seja, a sua subjetividade e a sua maneira de pensar, pois, ao adquirir certos produtos, ele crê que se apropria de uma nova forma de existir, como se apenas uma roupa da moda o fizesse se sentir mais bonito, mais atraente e com melhor auto-estima. (BORIS e DE HOLANDA CESÍDIO, 2007, p. 464)

Justo (2016) declara que o corpo media os processos de comunicação, permeado principalmente pela modalidade não verbal, bem como, configura-se como uma dimensão de projeção, cujo papel é as trocas sociais. Esse objeto traz componentes naturais, simbólicos, subjetivos e sociais, além de estar mergulhado num contexto normativo. Logo, observa-se que o corpo trata-se de um objeto complexo, um terreno fértil para a exteriorização do pensamento natural, para a manifestação de representações.

Saberes construídos sobre o corpo, as representações, movimentam-se no cotidiano, indicando modelos de ser e vivenciar o corpo. Logo, é possível considerar que a noção de corpo feminino direciona as ações das mulheres no que diz respeito ao cuidado com o corpo (ALMEIDA, 2009).

É possível observar na atualidade diversos estudos sobre o corpo e as representações sociais atribuídas a ele. Goez *et al.* (2008) fizeram um estudo sobre as representações sociais divulgada pela mídia impressa, através de revistas de circulação nacional, que abordavam temas sobre saúde e beleza corporal. Nessa pesquisa em questão os autores observaram representações sociais de aspectos do corpo físico e do corpo enquanto unidade físico-psíquica. No que diz respeito ao corpo físico há a adoção de técnicas e práticas de embelezamento para atingir um

padrão; há a propagação de um conhecimento científico, cujo objetivo é conservar a saúde; e há aplicação de prática de exercícios físicos. E em relação ao corpo como unidade físico-psíquico há noção de práticas de cuidado aliadas com atividades prazerosas, a fim de cuidar da saúde de modo integral. Esses autores concluem que as representações apresentam um caráter normativo em relação ao corpo, apesar de destacar noções de equilíbrio e subjetividade.

Siqueira e Faria (2007) em sua pesquisa sobre as representações sociais do corpo feminino saudável investigaram em revistas direcionadas ao público feminino entre os anos de 1950 e 2000. Através dessa análise eles observaram em décadas distintas diferentes concepções sobre o corpo. Nos anos 60 a ênfase encontrada sobre o corpo estava na beleza natural, em decorrência dos movimentos feministas. Em 1980, apresentava-se um corpo com músculos definidos, cultivados através de práticas de cuidado com o corpo. Na virada do século, anos 2000, além do corpo musculoso, busca-se um bem-estar. Através disso, os autores constataam que a ideia de corpo saudável se modifica de acordo com fatores sociais, culturais e históricos, de modo que, ao longo das décadas as representações do corpo ideal transformaram-se e as revistas, por sua vez, acompanharam esse processo, buscando propagar os valores vigentes em relação ao corpo. Ademais, os autores concluíram que a mídia em si não cria, mas reflete as tendências de grupos sociais.

Camargo, Goetz, Bousfield e Justo (2011) em seu estudo com estudantes de educação física e moda buscaram entender a saúde e estética como questões que compõem o pensamento social do corpo através da Teoria da Representação Social. Nessa pesquisa, foi possível observar que a representação social do corpo está associada às noções de saúde, estática, movimento e forma. A beleza corporal e a impressão que ela causa nas pessoas, seriam para esses jovens, mais importantes do que os cuidados com a saúde e as questões subjetivas, como o bem-estar e equilíbrio emocional. Os autores puderam concluir que na atualidade há um culto demasiado à beleza corporal, no qual o corpo magro, branco e jovem se encontra presente nas representações sociais dos entrevistados como um padrão a ser seguido e alcançado através de cirurgias plásticas.

No estudo de Secchi, Camargo e Bertoldo (2009), foi realizada uma pesquisa acerca das representações sociais e imagem corporal com estudantes de educação física, moda e psicologia. Nessa análise, os autores puderam observar que apesar de apresentarem uma percepção fidedigna do próprio corpo, esses estudantes estão

insatisfeitos com sua aparência. O corpo feminino nesse estudo é representado com características de magreza, beleza, poder, status e saudável. Tal representação justifica a insatisfação corporal dos entrevistados. Em sua conclusão, os pesquisadores constataram uma contradição entre as representações sociais e a percepção subjetiva da imagem corporal.

Tais pesquisas mostram uma estreita relação entre corpo e beleza, onde as representações sociais do corpo abrangem uma relevância da aparência física perante o social e a relação do sujeito consigo mesmo, cuja magreza e definição muscular são ideais a serem seguidos. Boris e De Holanda Cesídio (2007) acreditam que essa valorização da beleza feminina pode colaborar para o desenvolvimento de transtornos alimentares e sintomas psicopatológicos, visto que o bem-estar corporal se encontra ligado ao modo da mulher lidar com as exigências impostas pela sociedade. “O ideal de corpo preconizado pela sociedade leva a mulher a uma insatisfação crônica com seu corpo, se odiando por alguns quilos a mais e adotando medidas radicais para corresponder ao modelo cultural.” (p.466). Logo, nesse contexto, observa-se que a relação da mulher com seu corpo perpassa por uma construção de sua subjetividade, que poderá influenciar no modo de cada uma lidar e elaborar essas exigências sociais, seja construindo alternativas viáveis ou desenvolvendo sofrimentos psíquicos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo humano é um componente complexo, além de possuir toda uma estrutura física e biológica, é dotado de simbologias e historicidades. Esse elemento, muito importante na construção da identidade do indivíduo e na socialização do mesmo com o mundo, é produtor e receptor de significações. Isto é, inserido num determinado contexto histórico, social, político e econômico, esse corpo será mediado por normas e saberes, ao mesmo tempo em que produzirá suas próprias significações. Logo, pode-se afirmar que a perspectiva corporal é subjetiva e intersubjetiva, simultaneamente.

Essa vivência intersubjetiva do corpo é marcada por saberes, que versam sobre formas de ser e ter um corpo, que recaem tanto para homens, quanto para mulheres. No entanto, como foi observado, é sobre o corpo feminino que recaem padrões mais rígidos de corpo ideal.

Observa-se nesse contexto um culto ao corpo, dotado de beleza e magreza. Um corpo delineado, fruto de práticas alimentares, cirúrgicas e atividades físicas. Um corpo que se apresenta como aquilo que é mais pessoal do sujeito, o contato dele com o mundo externo e, portanto, sua aparência, se apresenta de extrema importância nas relações interpessoais.

Os discursos sobre o corpo, embasados em conhecimentos científicos e saberes populares, formulam o que se caracteriza a representação social do corpo feminino em determinado momento. Em tais discursos, são construídas condições para que esses sujeitos se coloquem no mundo e formulem suas experiências subjetivas. Entender como se dá a construção dessas percepções e conceituações, bem como, o contexto em que são formuladas, é importante para compreender os aspectos subjetivos da percepção desse corpo.

E numa realidade, na qual, recaem sobre mulheres diversas exigências de padrões corporais a serem seguidos, observa-se uma urgência na elaboração e explanação de estudos com tal característica.

Em vista disso, o presente trabalho teve como objetivo compreender como os estudos acerca das representações sociais do corpo favorecem na compreensão da relação da mulher com seu corpo. Isto é, ao longo desse trabalho buscou-se saber se é possível, através de estudos que levantam uma série de pensamentos e noções construídas em relação ao corpo feminino, estabelecer uma compreensão

de como a mulher vivencia a significação do seu corpo, bem como, quais são as atitudes tomadas em relação a isso.

Ao longo dessa pesquisa, foi possível obter através do material coletado uma série de formulações sobre o corpo feminino, desde saberes construído por pesquisadores, como aqueles que foram colhidos em entrevistas. Tais formulações versam sobre aquilo que é observado no contexto real e fomentam bases importantes para a compreensão da dimensão subjetiva da relação que a mulher estabelece com sua corporeidade, que, como foi evidenciada, é marcada por exigências e normas sociais. A incumbência dessas questões externas na relação subjetiva da mulher com seu corpo podem trazer diversos desdobramentos, desde uma vivência vazia em busca de um ideal a uma adaptação frente a esse contexto e a construção de uma relação mais próxima à sua realidade.

Portanto, a compreensão dessas representações sociais do corpo feminino é um terreno fértil para a elaboração de conhecimentos sobre o que se apresenta na atualidade e, acima de tudo, indica caminhos de ação para profissionais da saúde e pesquisadores, no que se refere ao cuidado da saúde mental da mulher nesse âmbito. Ademais, sugere-se que estudos posteriores façam novos levantamentos de dados sobre essa temática, a fim de colher dados mais atuais sobre o que está sendo representado na atualidade. Uma vez as concepções e pensamentos mudam com uma velocidade urgente, atualizar tais estudos é uma forma de desenvolver conhecimento e intervenções cada vez mais eficazes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Talita Leão de. " **Uma beleza que vem da tristeza de se saber mulher**": representações sociais do corpo feminino, 2009.

ANDRADE, Angela; BOSI, Maria Lúcia Magalhães. Mídia e subjetividade: impacto no comportamento alimentar feminino. **Rev. Nutr.**, v.16, n.1, p.117-125, 2003.

ARRUDA, Ângela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de pesquisa**, n. 117, p. 127-147, 2002.

AZEVEDO, Rosana Freitas; LOPES, Regina Lucia Mendonça. Concepção de corpo em Merleau-Ponty e mulheres mastectomizadas. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 63, n. 6, p. 1067-1070, 2010.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: experiência vivida. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; DE HOLANDA CESÍDIO, Mirella. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Revista mal-estar e subjetividade**, v. 7, n. 2, p. 451-478, 2007.

CAMARGO, Brígido Vizeu *et al.* Representações sociais do corpo: estética e saúde. **Temas em Psicologia**, v. 19, n. 1, p. 257-268, 2011.

COSTA, Mariana Fernandes; SOARES, Jorge Coelho. Mulheres em revista: representação corporal no imaginário social. **Demetra: Alimentação, Nutrição & Saúde**, v. 11, n. Supl., p. 1171-1184, 2016.

DAMICO, José Geraldo Soares; MEYER, Dagmar Estermann. O corpo como marcador social: saúde, beleza e valoração de cuidados corporais de jovens mulheres. **Revista Brasileira de ciências do esporte**, v. 27, n. 3, 2006.

DE SOUZA DOURADO, Cláudia *et al.* Corpo, cultura e significado. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 28, n. 2, 2018.

DE VILHENA, Junia; MEDEIROS, Sergio; DE VILHENA NOVAES, Joana. A violência da imagem: estética, feminino e contemporaneidade. **Revista Mal-estar e subjetividade**, n. 1, p. 109-144, 2005.

DOS REIS, Alice Casanova. **A subjetividade como corporeidade**: o corpo na fenomenologia de Merleau-Ponty, 2011.

DOS SANTOS ANDRADE, Sandra. Saúde e beleza do corpo feminino-algumas representações no Brasil do século XX. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 9, n. 1, p. 119-143, 2003.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FARR, Robert M. Representações sociais: a teoria e sua história. *In*: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.), **Textos em representações sociais** (p. 31-59). Petrópolis: Vozes, 1995.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental. **Revista fato & versões**, v. 1, n. 2, 2009.

GOETZ, Everley Rosane *et al.* Representação social do corpo na mídia impressa. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. 2, p. 226-236, 2008.

GOMES, Betânia do Carmo Rodrigues. **O corpo na representação social das mulheres da comunidade Boa Esperança**, 2006.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?. **Revista brasileira de Educação**, n. 21, p. 40-51, 2002.

GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. (Org.). **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

hooks, bell. Beleza por dentro e por fora. *In*: _____. **O Feminismo é para todo mundo**. Tradução de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, p. 57-63, 2018.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. **As representações sociais**, v. 17, p. 44, 2001.

JUSTO, Ana Maria *et al.* **Corpo e representações sociais**: sobrepeso, obesidade e práticas de controle de peso, 2016.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MORAES, Patrícia R. *et al.* A teoria das representações sociais. **Revista em Foco**. São Paulo, v. 8, n. 1, p. 1-14, 2014.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PIMENTA, Scyla PC. Reflexões sobre corporeidade e padrões de beleza a partir de Merleau-Ponty. **Revista de História (UFBA)**, v. 4, n. 2, 2012.

SÁ, Celso Pereira. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. *In*: SPINK, Mary Jane (Org.), **O conhecimento no cotidiano**. As representações sociais na perspectiva da psicologia social (pp. 19-45). São Paulo: Brasiliense, 1995.

SAWAIA, Bader Burihan. Representação e ideologia – o encontro desfetichizador. *In*: SPINK, Mary Jane (Org.), **O conhecimento no cotidiano**. As representações sociais na perspectiva da psicologia social (pp. 73-84). São Paulo: Brasiliense, 1995.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

SECCHI, Kenny; CAMARGO, Brígido Vizeu; BERTOLDO, Raquel Bohn. Percepção da imagem corporal e representações sociais do corpo. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 25, n. 2, p. 229-236, 2009.

SENNA, Natalia Bernardes. **A mulher na propaganda**: representação social e evolução, 2006.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; FARIA, Aline Almeida. Corpo, saúde e beleza: representações sociais nas revistas femininas. **Comunicação, Mídia e Consumo**, 4(9), 171-188, 2007.

WANDERLEY, Ana Carolina Barbosa. **Você é o que você come?** A representação social do corpo feminino na mídia impressa: um estudo de caso da revista Boa Forma, 2011.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

ANEXO